



Um manuscrito alcobacense reencontrado: as *Crónicas abreviadas dos reis de Portugal* de Cristóvão Rodrigues Acenheiro (1537)

An alcobacense manuscript recovered: the *Summary of the Chronicles of the Portuguese Kings* by Cristóvão Rodrigues Acenheiro (1537)

Filipe Alves Moreira

Universidade do Porto¹ e Universidade Aberta
Via Panorâmica, s/n
4150-564; Porto; Portugal

gomeseanes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7426-7395>

Data recepção do artigo / Received for publication: 13 de Setembro de 2022

Data aceitação do artigo / Accepted in revised form: 16 de Fevereiro de 2023

DOI: <https://doi.org/10.4000/medievalista.6901>

¹ Este trabalho é financiado pela Fundação pela Ciência e a Tecnologia (DL/2016/CP1367/CT002).

RESUMO

Este trabalho sistematiza os dados atualmente conhecidos sobre a tradição manuscrita das *Crônicas abreviadas dos reis de Portugal*, de Cristóvão Rodrigues Acenheiro, incluindo a identificação dos manuscritos utilizados pela única edição existente (Academia das Ciências, 1824). Argumenta-se que o texto base dessa edição foi um manuscrito alcobacense do século XVI que, após ter passado pela Academia das Ciências e pela biblioteca particular da condessa de Azambuja, está presentemente no Arquivo Distrital de Braga.

Palavras-chave: Cristóvão Rodrigues Acenheiro; biblioteca do mosteiro de Alcobaça; livrarias particulares; Arquivo Distrital de Braga; historiografia medieval portuguesa

ABSTRACT

This work systematizes the known data on the manuscript tradition of the *Summary of the chronicles of the Portuguese Kings* by Cristóvão Rodrigues Acenheiro, including the identification of the manuscripts used by the only existing edition (Academia das Ciências, 1824). It is argued that the base text of this edition was a 16th century copy belonging to the monastery of Alcobaça which, after being used by the Academia das Ciências, belonged to the Countess of Azambuja and it is currently in the Arquivo Distrital de Braga.

Keywords: Cristóvão Rodrigues Acenheiro; library of the Monastery of Alcobaça; private libraries; Arquivo Distrital de Braga; Portuguese medieval historiography



No decorrer de investigações para o projeto BITAGAP², deparei-me com um manuscrito do Arquivo Distrital de Braga que, após alguma pesquisa, concluí poder identificar-se com um códice alcobacense quinhentista considerado perdido. Informei desse facto os responsáveis por este projeto, Professores Arthur Askins, Harvey L. Sharrer e Martha Schaffer e, pouco depois, redigi uma pequena notícia para a página do *Facebook* do projeto *Philobiblon*, de que BITAGAP faz parte, dando conta do achado. As informações aí deixadas, juntamente com algumas mais, foram imediatamente incluídas na BITAGAP (Texid 10802 e Manid 4414). Prometi então voltar ao assunto, de modo a justificar e explicar mais detidamente esta descoberta. Embora ela tenha sido, entretanto, mencionada na versão revista de um importante estudo da autoria de Aires Nascimento³ (que tinha sido informado do facto por Arthur Askins), não cheguei a cumprir aquela promessa. Faço-o agora, aproveitando esta oportunidade, pela qual agradeço à revista *Medievalista*.

1. Cristóvão Rodrigues Acenheiro, as *Crónicas Abreviadas dos reis de Portugal* e a crítica

O nome de Cristóvão Rodrigues Acenheiro (ou Azinheiro) e as suas *Crónicas Abreviadas dos Reis de Portugal*⁴ – que passarei a designar por CRP – são bem conhecidos dos investigadores, embora faltem estudos aprofundados que lhes sejam especificamente dedicados. Acenheiro foi um bacharel em direito civil e procurador eborense, sobre cuja vida pouco se sabe. Nasceu nessa cidade em 1474 e aí faleceu em 1538, deixando descendência e sendo, então, morador na freguesia de Santo Antão⁵. É conhecido, sobretudo, por duas obras. A primeira é o chamado *Livro do*

² BITAGAP (*Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses*). Dir. Arthur L-F. Askins. The Bancroft Library. University of California, Berkeley, 1997-. [Consultado a 12 agosto 2022]. Disponível em: http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/bitagap_en.html.

³ NASCIMENTO, Aires – “Em busca dos códices alcobacenses perdidos”. In *O scriptorium de Alcobaca: o longo percurso do livro manuscrito português*. Coleção “Estudos monásticos alcobacenses”. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural e Mosteiro de Alcobaca, 2018, pp. 283-312 [máxime p. 287].

⁴ Este título, tal como o de *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal* que foi utilizado na única edição existente, são convencionais. Como era comum à época, Acenheiro nomeia a sua obra de diferentes formas: “sumários e allembança das coroniquas dos reis de Portugal”, “Suma abreviaçam das cronicas dos reys de Portugal” ou, simplesmente, “Crónicas”.

⁵ O próprio Acenheiro nos dá estas informações: ACENHEIRO, Christovão Rodrigues – *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*. Collecção de Inéditos da História Portuguesa. Vol. V. Lisboa: Real Academia

*Acenheiro*⁶, uma compilação de resumos e cópias de documentos relativos à sua cidade natal, elaborada, ou terminada, em 1537 a pedido de D. João III e presentemente à guarda do Arquivo Distrital de Évora (num. 1796 da Misericórdia de Évora). A segunda, que aqui nos interessa, são as já aludidas CRP.

Segundo as suas mesmas palavras, foi em 1535 que Acenheiro deitou mãos à tarefa, que à época começava a ser prática comum em Portugal⁷, de reunir, selecionar e sumariar um conjunto de informações respeitantes à história dos sucessivos monarcas portugueses, tarefa de que resultou a composição das CRP⁸. Como ele diz, esta obra assentava em três conjuntos principais de fontes: as crónicas novas e velhas do reino, mais uma antiga crónica “da Galiza” e uma outra castelhana (textos em que baseou os seus resumos dos governos e reinados desde o conde D. Henrique até D. Afonso IV); um Sumário previamente feito por algum curioso a que ele se limitaria a acrescentar certos trechos e cujo conteúdo ia desde o reinado de D. Pedro até o de D. João II; e, por último, lembranças do próprio Acenheiro relativas aos reinados de D. Manuel e de D. João III. Ainda que os objetivos pretendidos com a feitura deste sumário de crónicas não tenham sido expostos com a mesma clareza, facilmente se suporá radicarem eles na conveniência de pôr nas mãos de públicos diversificados matéria que por então estaria ao alcance apenas de quem tivesse os conhecimentos e os meios necessários para proceder à leitura ou cópia das volumosas e ainda inéditas crónicas portuguesas. Em todo o caso, e apesar do sucesso de que poderão dar conta várias cópias que da sua obra se fizeram (aspeto que mais abaixo retomarei) a crítica moderna tardaria a reconhecer o importante papel por ela desempenhado. É certo que a Academia das Ciências de Lisboa incluiu-a na valiosa coleção de “Inéditos de História Portuguesa”, editando-a em 1824 sob a designação de *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*. Mas terá bastado um severo juízo de Herculano considerando-a “um rol de mentiras e disparates” de que, quando

das Ciências, 1824, pp. 1, 12 e 116. A informação sobre o ano da morte de Acenheiro foi descoberta por BARATA, António Francisco – *Évora Antiga*. Évora: Minerva Commercial, 1909, pp. 154-155.

⁶ PEREIRA, Gabriel – *Documentos históricos da cidade de Évora*. Primeira parte. Évora: Typographia económica de José d’Oliveira, 1887, pp. 112-122. Este *Livro* tem sido abundantemente utilizado, sobretudo em estudos sobre a história de Évora.

⁷ MOREIRA, Filipe Alves – “Os sumários de crónicas portuguesas: textos, contextos, paratextos”. *Cahiers d’Études Hispaniques Médiévales* 35 (2012), pp. 79-92.

⁸ A obra foi terminada, porém, nos finais de 1537, ou pouco depois, como se vê pelas suas palavras finais, relativas ao estabelecimento da Inquisição em Portugal.

muito, haveria que aproveitar as lembranças da época de D. Manuel e D. João III, ou uma não menos severa e sumária apreciação de Teófilo Braga⁹ para que a obra regressasse ao esquecimento de que por momentos e graças à impressão parecera poder sair.

Assim iam as coisas quando, pelos anos 40 do século passado, as importantes e infatigáveis investigações de Artur de Magalhães Basto em torno da antiga historiografia portuguesa abriram caminho para uma melhor compreensão dos importantes problemas suscitados pela obra de Acenheiro¹⁰. O erudito investigador portuense compreendeu muito bem, na verdade, que, ao apresentarem-se, sobretudo, como compilações de escritos prévios e alheios, as páginas do bacharel de Évora talvez preservassem amplas passagens provenientes de textos que hoje se poderão considerar perdidos ou desconhecidos – qualquer coisa como um “cemitério de crónicas”. E, tratando de pôr em prática a sua ideia, conseguiu demonstrar que entre as fontes de Acenheiro se encontrava nada menos que a crónica que tinha sido há pouco redescoberta pelo próprio Magalhães Basto – refiro-me à chamada *Crónica de 1419*-, e que seria ela uma das “crónicas velhas do reino” a que o historiador quinhentista alude em algumas passagens da primeira parte da sua obra. Dado o estado algo defeituoso como esta *Crónica de 1419* chegou até nós, a compilação de Acenheiro poderia mesmo fornecer importantes achegas a respeito do conteúdo de algumas partes que não se preservam nos testemunhos conhecidos, entre elas, e como logo evidenciou Magalhães Basto, talvez o célebre episódio da morte de Inês de Castro. Por outro lado, ao acolher quase na íntegra uma obscena carta de D. Afonso IV cujas passagens mais chocantes haviam sido explicitamente omitidas por Rui de Pina na versão mais conhecida desta carta, prestara o bacharel um importante serviço à cultura portuguesa.

Na década seguinte, seria a vez de Diego Catalán recuperar para a investigação a outrora desprezada obra de Cristóvão Rodrigues Acenheiro. Catalán deparou-se

⁹ Citados por Magalhães Basto. Cf. infra.

¹⁰ BASTO, Artur de Magalhães – “Acenheiro, esse desconhecido...” e “Um cemitério de crónicas”. In *Fernão Lopes. Suas «crónicas perdidas» e a crónica geral do reino – a propósito duma crónica quatrocentista inédita dos cinco primeiros reis de Portugal*. Porto: Livraria Progredior, 1943, pp. 15-19, 20-24.

com ela pela primeira vez aquando das suas investigações em torno da historiografia sobre o rei Afonso XI de Castela¹¹. Verificando, com efeito, que num considerável número de autores portugueses dos séculos XVI e XVII que historiaram o reinado de Afonso IV (Rui de Pina, Acenheiro, Nunes de Leão, Rafael de Jesus, Faria e Sousa) se refletia o conhecimento tanto do *Poema* (ou da *Gran Crónica*) de Afonso XI como da versão mais conhecida da *Crónica de Afonso XI*, Catalán estudou minuciosamente as relações destes textos entre si, adiantando a hipótese de que todos eles decorressem, direta ou indiretamente, da *Crónica de 1419*, cujo autor – que Catalán nunca duvidou ter sido Fernão Lopes – seria assim o único a ter tido acesso às referidas obras castelhanas¹², nem sempre as aproveitando, porém, com rigorosa fidelidade. Ao mesmo tempo, despertou-lhe a atenção certa “crónica galega de trezentos anos feita”, cuja matéria abarcaria desde o reinado de Pelágio até à batalha do Salado, obra a que por mais de uma vez aludia Acenheiro, sem que o grande investigador espanhol curasse, por então, de desenvolver o assunto. Tal viria a acontecer num conjunto de artigos logo revistos e reunidos em livro. Aí, procurou Catalán, com inegável sucesso, deslindar as fontes do bacharel de Évora¹³, demorando-se particularmente na secção dedicada a D. Henrique e aos sete primeiros reis de Portugal. Secundando as atrás mencionadas pesquisas de Magalhães Basto, Catalán começou por confirmar que as “cinco crónicas velhas do reino que primeiro se ordenarão” a que alude Acenheiro correspondem à *Crónica de 1419*, e que, ao contrário do que as palavras do historiógrafo quinhentista fazem crer, o aproveitamento desta fonte não se limita à história dos cinco primeiros reis, verificando-se também no reinado de D. Afonso IV. As “crónicas novas do reino” seriam, por sua vez, e como também já Magalhães Basto notara e facilmente se suspeitaria, as de Duarte Galvão e de Rui de Pina. As grandes novidades do estudo de Catalán viriam, no entanto, de outros lados. Visivelmente empenhado em refutar a bastardia de D. Teresa (questão que começava a pôr problemas à emergente historiografia nacionalizante, ou mesmo proto-nacionalista), Acenheiro convocou a

¹¹ CATALÁN, Diego – *Un cronista anonimo del siglo XIV (La Gran Crónica de Afonso XI)*. Canarias: Universidad de la Laguna, 1955.

¹² Esta tese foi parcialmente refutada em MOREIRA, Filipe Alves – *A Crónica de Portugal de 1419: fontes, estratégias e posteridade*. Coleção “Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2013, pp. 442-453.

¹³ CATALÁN, Diego – *De Afonso X al Conde de Barcelos: cuatro estudios sobre el nacimiento de la historiografía romance en Castilla y Portugal*. Madrid: Seminario Menéndez Pidal & Gredos, 1962, pp. 413-421.

seu favor o depoimento de duas “antegíssimas carónicas”, castelhana uma, “gallega” a outra, das quais constava ter sido a ligação de Afonso VI a Ximena Muñoz, mãe de Teresa, não um concubinato, mas um verdadeiro e legítimo casamento. Citou, para esse efeito, e “de berbo a berbo”, os casamentos e a descendência de Afonso VI de acordo com ambas as crónicas (a segunda das quais incluía a novelesca narrativa do batismo da Moura Zaida e uma remissão para a história dos reis de Portugal) e voltou a referir-se à “Coronica gallega” a respeito de dois pormenores diretamente relacionados com o reinado de D. Afonso Henriques: o auxílio de Soeiro Mendes em S. Mamede e a informação de que D. Mafalda, primeira rainha portuguesa, seria da linhagem de “Bollonha”. Comparando todas estas citações com a historiografia medieval ibérica conhecida, Catalán verificou que a descendência de Afonso VI tal como constava da “Coronica da Galliza” se baseava fundamentalmente numa versão do chamado *Liber Regum* aparentada com a redação toledana desta obra (ca. 1230), embora contivesse passagens que nela não figuravam; que a historieta do batismo da Moura Zaida aí interpolada aparece também em duas versões da *Estoria de España* de Afonso X, mas inserida no meio de matéria textual oriunda das obras de Lucas de Tuy e Ximénez de Rada, o que na citação de Acenheiro se não verifica; que os episódios do reinado de Afonso Henriques são, por sua vez, muito semelhantes ao que a este respeito contam a chamada *IV^a Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra* e o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, assim como a última versão da *Estória de España*; e, por último, que a “antegíssima” crónica castelhana apresentava também vários pontos de contacto com a redação toledana do *Liber Regum* acrescentando-lhe, porém, matéria respeitante à figura de D. Afonso VI que não se encontra em nenhuma das versões atualmente conhecidas desta obra de origem navarra¹⁴. Explicando e aprofundando estas relações, o grande investigador espanhol chegou à conclusão de que a “Crónica gallega” citada por Acenheiro seria uma crónica portuguesa pouco posterior a 1340, mas que retomava um texto anterior, fonte também de uma das versões da *Estoria de España*¹⁵. Outra conclusão era que essa

¹⁴ O texto desta crónica castelhana citada por Acenheiro (na realidade, uma versão do *Liber Regum*) foi localizado, identificado e parcialmente editado por BAUTISTA, Francisco – “De nuevo sobre el *Libro de las generaciones y linajes de los reyes* (o *Liber regum*): recuperación de la versión toledana de hacia 1219”, *e-Spania* [Em linha], 37 (octubre 2020) [consultado a 12 agosto 2022]. DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.37546>.

¹⁵ Estas questões foram retomadas, aprofundadas e desenvolvidas, com novas hipóteses explicativas, em MOREIRA, Filipe Alves – *Afonso Henriques e a primeira crónica portuguesa*. Porto: Estratégias Criativas, 2008.

antiga crónica portuguesa tinha sido, por sua vez, a fonte principal do *Livro de Linhagens* (e também da *Crónica Geral de Espanha de 1344*) da autoria de D. Pedro, conde de Barcelos. Neste mesmo estudo, e embora se refira à questão apenas de passagem, Catalán chegou a uma outra conclusão de extraordinária importância: afirma ele, com efeito, que a sùmula de crónicas em que Acenheiro baseou o seu trabalho na secção dedicada aos reinados de D. Pedro I até o de D. João II não só nos é conhecida, como se trata nada menos que do “unique and most interesting”¹⁶ ms. 290 do fundo Alcobacense da Biblioteca Nacional [BITAGAP manid 1192], suposto rascunho de Duarte Galvão em que se encontra uma *Crónica de D. Afonso Henriques* amplamente emendada e anotada bem como um sumário dos reinados de D. Sancho I a D. João II juntamente com alguns outros documentos e textos.

Após estes notáveis esforços de Magalhães Basto e de Diego Catalán, a obra de Acenheiro voltaria a cair num relativo esquecimento, dele saindo quase só naqueles momentos em que diversos autores, abalanchando-se a breves sínteses da antiga historiografia portuguesa, se limitavam a citar uma ou outra passagem das CRP ou a reproduzir as teses daqueles dois investigadores, apesar de nem sempre darem mostras de as terem corretamente assimilado. Uma importante exceção a este panorama constituem-no os trabalhos de Jorge de Sena, que dedicou a Acenheiro um verbete no *Grande Dicionário de Literatura e Crítica Portuguesa*¹⁷ e já antes se havia ocupado dele, com detalhe, no seu monumental estudo dedicado às representações histórico-literárias da figura de Inês de Castro¹⁸. A Sena cabe o indiscutível mérito de abrir caminho para uma nova abordagem da obra em questão, especificamente direcionada para o estudo da forma como Acenheiro tratou a matéria compilada e do que isso poderia relevar de um discurso ideológico representativo de alguns setores da elite intelectual portuguesa do tempo de D. João

¹⁶ Expressão utilizada por NYKL, A. R. – *Crónica del rey D. Affomso Hamrriquez /Duarte Galvão. Partial critical Editions with introduction and notes*. Cambridge, Massachussets, 1942, p. xviii.

¹⁷ Reeditado em SENA, Jorge de – “Cristóvão Rodrigues Acenheiro (ou Azinheiro)”. In *Estudos de Literatura Portuguesa - III*. Lisboa: Edições 70, 1988, pp. 157-160.

¹⁸ SENA, Jorge de – “Inês de Castro”. In *Estudos de História e de Cultura - I*. Lisboa: Revista “Ocidente”, 1967, pp. 123-618. A continuação deste magno trabalho (que não hesito em considerar o mais importante alguma vez dedicado a Inês de Castro e suas representações histórico-literárias) foi publicada em sucessivos números da revista “Ocidente” e estava previsto vir a lume no segundo volume destes *Estudos*. Esse segundo volume nunca chegou a ser publicado, mas existem na Biblioteca Nacional de Portugal os exemplares da revista “Ocidente” que pertenceram a Sena e têm importantes correções e acrescentos escritos por ele mesmo.

III. Infelizmente, certa tendência do então professor da Universidade de Wisconsin-Madison para se enredar em pseudoproblemas, aliada a um desconhecimento da produção historiográfica quinhentista que o estilo assertivo não chega a disfarçar por completo, fazem do seu vasto ensaio uma curiosa mistura de inovadoras pistas de trabalho e intuições geniais com leituras equivocadas e teses manifestamente insustentáveis¹⁹.

Mais recentemente, eu mesmo ocupei-me de diversos aspetos da obra historiográfica de Acenheiro. Por um lado²⁰, identifiquei um trecho da antiga crónica portuguesa citada por ele em diversas partes da obra mas que tinha passado despercebido a Catalán. Trata-se de um episódio da época de Afonso VII de Castela e Leão sobre as lutas com sua mãe, a rainha D. Urraca, e respetivos partidários, que Acenheiro transcreve literalmente no sumário do reinado de D. Pedro I, de modo a mostrar a excelência da família de Inês de Castro, já que um dos principais intervenientes nessa narrativa é Gutierre Fernández de Castro, familiar remoto de D. Inês. Por outro lado, ocupei-me demoradamente do ms. ALC. 290 da BNP²¹, em relação ao qual, e entre outras conclusões, reforcei a opinião de não poder tratar-se de um rascunho de Duarte Galvão e confirmei a ideia de que o sumário de crónicas presente neste manuscrito foi a fonte principal de Acenheiro para os reinados de D. Pedro I a D. João II.

Todos os trabalhos que acabo de referir têm como preocupações fundamentais a identificação das fontes das CRP, a análise do modo como foram utilizadas e de como isso, entre outros aspetos, revela a visão histórica da obra, no contexto em que foi e para que foi redigida. Faltava, contudo, um trabalho que se ocupasse da transmissão do texto, em si mesma ou como etapa para uma futura edição. Esta abordagem tem-me também ocupado nos últimos anos. Em conjunto com outros membros da BITAGAP, localizei e descrevi várias cópias manuscritas das CRP, uma das quais

¹⁹ Exemplifico esta afirmação em MOREIRA, Filipe Alves – “Um novo fragmento da Crónica Portuguesa de Espanha de 1341-1342 e suas relações com a historiografia alfonsina”. In MIRANDA, José Carlos, FERREIRA, Maria do Rosário; LARANJINHA, Ana Sofia (eds.) – *Seminário Medieval 2009-2011*. Porto: Estratégias Criativas, 2011, pp. 289-322 [máxime 298].

²⁰ MOREIRA, Filipe Alves – “Um novo fragmento da Crónica Portuguesa de Espanha de 1341-1342 e suas relações com a historiografia alfonsina”.

²¹ MOREIRA, Filipe Alves – *A Crónica de Portugal de 1419: fontes, estratégias e posteridade*, pp. 348-371.

motivo para este trabalho. Ficavam assim, pela primeira vez, reunidas e sistematizadas informações sobre a tradição manuscrita desta obra, a qual, até esse momento, era conhecida somente através da edição oitocentista, única existente.

2. A edição de 1824 e a tradição manuscrita das CRP

As CRP foram, com efeito, editadas, pela primeira e única vez, em 1824, no volume V e último da coleção de “Inéditos da História Portuguesa”²². Contrariamente ao que sucedia nos volumes anteriores desta coleção, neste 5º e último volume não são fornecidas informações acerca dos seus responsáveis, nem existe uma introdução sobre a obra e a figura de Acenheiro. Também sobre os restantes textos aí editados (Foros de Garvão, Guarda e Beja e a quinhentista *Descrição de Lamego e arredores*, da autoria de Rui Gonçalves) e respetivos manuscritos são fornecidas escassas informações. Acerca dos manuscritos da obra de Acenheiro, questão que aqui nos interessa, apenas somos informados de que a edição da Academia se serviu de duas cópias. Uma delas, sobre a qual nada é dito, nem acerca da sua proveniência, nem acerca das suas características, foi escolhida como texto base; da outra, cuja única informação dada é que pertencia à Biblioteca das Necessidades, retiraram-se as variantes que aparecem em rodapé. Estas parcas informações constituem tudo quanto os responsáveis editoriais afirmaram acerca das cópias por eles usadas. E ao longo dos séculos XIX e XX, o estado de conhecimentos não se alterou. Somente as já referidas investigações desenvolvidas por mim e por outros membros da equipa da BITAGAP nos últimos dez a quinze anos permitiram a identificação e sistematização de muitos dados novos acerca da transmissão textual da obra de Acenheiro. Foram localizados nada menos que seis testemunhos manuscritos, dos séculos XVI-XVIII, que elenco de seguida e cujo sistema de siglas aqui estabeleço pela primeira vez:

1) Ms. *B*: Braga, Arquivo Distrital, MSS. 674, século XVI, 185 fólios, cópia integral [BITAGAP Manid 4414];

2) Ms. *C*: Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Ms. 581, século XVI, 253 fólios, cópia integral [BITAGAP, Manid 3956];

²² ACENHEIRO, Christovão Rodrigues – *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*.

3) Ms. *M*: Muge, Casa de Cadaval, ms. M-VIII-17, século XVII, 283 fólhos, cópia de que se perderam as primeiras páginas e de que se segregou a parte final; o seu conteúdo abarca, atualmente, desde meados do sumário do reinado de D. Afonso Henriques até ao final do de D. Afonso V [BITAGAP, manid 1945];

4) Ms. *L1*: Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, COD. 11001, século XVII, 99 fólhos, o qual constituía, originalmente, a parte final do manuscrito da Casa de Cadaval anteriormente referido; o seu conteúdo abrange os sumários dos reinados de D. João II a D. João III [BITAGAP Manid 4371];

5) Ms. *L2*: Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, A.T.L. [Arquivo Tarouca: condes de Tarouca, marqueses de Penalva, marqueses de Alegrete e condes de Vilar Maior], num. 94, século XVIII, 136 fólhos, cópia integral [BITAGAP manid 5899];

6) Ms. *A*: Lisboa, Biblioteca da Ajuda, 49-XI-38²³, século XVIII, 170 fólhos, cópia integral [BITAGAP manid 4422].

Perante a tradição manuscrita assim identificada e caracterizada, a primeira questão que se colocava era a de saber se entre estes manuscritos estavam o manuscrito base da edição oitocentista e também aquele que foi utilizado para confronto textual e cujas variantes principais foram registadas no rodapé dessa mesma edição. A identificação do segundo desses manuscritos foi mais fácil e imediata. Com efeito, a origem de *A* (pertenceu à Biblioteca das Necessidades, tal como o manuscrito cujas variantes aparecem no rodapé da edição) e a ponderação das suas lições permitiram, desde logo, identificá-lo com o “Códice das Necessidades” cujas lições são registadas no rodapé da edição oitocentista. Mais demorada foi a identificação do manuscrito que constituiu o texto base da edição, identificação dificultada pelo facto de, como disse, os responsáveis pela edição não darem informações sobre a sua origem e características. Somente uma notícia fornecida por um antigo catálogo de manuscritos da riquíssima biblioteca do mosteiro de Alcobaça permitiu ir mais além.

²³ Esta cópia é referida, embora com escassos pormenores, em GARCIA, José Manuel – *A historiografia portuguesa dos descobrimentos e da expansão (séculos XV a XVII): autores, obras e especializações memoriais*. Dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, p. 14.

3. Notícia de um manuscrito alcobacense das CRP

Em 1979, Aires Nascimento publicou o importante estudo “Em busca dos códices alcobacenses perdidos”²⁴. Tendo como ponto de partida a análise de um exemplar do *Index Codicum Bibliothecae Alcobatiae*²⁵ em uso na biblioteca desse mesmo mosteiro, o qual contém anotações manuscritas de Fr. Vicente de Jesus Cogominho e de Fr. Fortunato de S. Boaventura exaradas entre os finais do século XVIII e o início do XIX, Aires Nascimento teceu, ou deu a conhecer, um conjunto de importantes considerações sobre o destino, certo ou provável, de vários manuscritos alcobacenses que aí existiam quando o referido *Index* foi elaborado e editado, mas tinham, entretanto, desaparecido ou sido extraviados. Um desses manuscritos era o cod. CCCCLXVI (466), que continha o “Compêndio das Crónicas dos Reis de Portugal até D. João III, por Cristóvão Rodrigues Azinheiro, de Évora”. De acordo com uma anotação marginal de Fr. Vicente Cogominho datada de fevereiro de 1823, este códice achava-se por então “na Academia Real das Ciências de Lisboa para onde foi cedido emprestado por conta da Secretaria da dita Academia quando esta meditava dar à luz obras inéditas das autoridades portuguesas, com promessa de o restituir a este Archivo”²⁶. Tais palavras permitem supor, com elevada probabilidade, que este manuscrito alcobacense foi o que serviu de texto à edição da Academia, de 1824, tendo o ms. A sido utilizado somente para confronto de variantes. A promessa da Academia não chegaria a ser cumprida. O manuscrito 466 não mais voltou a Alcobaça e, por isso, não está atualmente no fundo alcobacense da Biblioteca Nacional. Tal não significa, contudo, que se tenha perdido.

4. O ms. B das CRP é o COD. CCCCLXVI (466) de Alcobaça

De facto, esse Cod. 466 de Alcobaça é, certamente, o ms. B da lista de testemunhos das CRP que acima forneço. Vejamos, primeiro, com um pouco mais de detalhe, as suas características gerais, e atentemos, depois, naquelas que permitem a sua identificação com esse códice alcobacense que se julgava desaparecido.

²⁴ NASCIMENTO, Aires – “Em busca dos códices alcobacenses perdidos”.

²⁵ *Index Codicum Bibliothecae Alcobatiae in quo non tantum codices recensentur quod tractatus, epistolas et singuli codices contineant exponitur alliaque animadvertunter notaru digna*. Olissipone: Ex Typographia Regia, 1775.

²⁶ NASCIMENTO, Aires – “Em busca dos códices alcobacenses perdidos”, p. 287.

O ms. *B* é um códice quinhentista, em papel, *in folio*, de 271 * 195 mm, com [2] + 185 + [1] fólios e foliação original do século XVI. A encadernação, bastante mais recente (do século XIX ou já de inícios do XX), é de papel de fantasia sobre cartão. A lombada, de carneira e cor vermelha com dourados, diz: AZINHEIRO / CHRONICAS DE PORTUGAL. Foi ligeiramente aparado, facto que provocou a eliminação parcial de algumas notas marginais (p. ex., no fol. 17v). Está em excelente estado de conservação e nele distinguem-se, pelo menos, duas mãos, embora se notem, em ambas, diferentes tonalidades na tinta empregada, facto que denuncia que terá sido elaborado com intervalos de tempo. A transição de uma para outra mão ocorre entre o final do fólio 100v e o início do fólio 101r, pouco após o início do sumário do reinado de D. Afonso V. O texto está completo, raramente rasurado ou corrigido, e vêem-se nas margens ocasionais notas de, pelo menos, dois leitores, aparentemente dos séculos XVI e XVII. O verso do último fólio numerado, o 185, contém, em letra posterior (finais do século XVII ou inícios do XVIII), um “Index das chronicas deste livro”, organizado de acordo com os sucessivos reinados. Entre este fólio e o seguinte, não numerado, foi colada uma tira de papel, na qual, também em letra posterior, mas de outra mão, talvez do século XVIII, se escreveu, para além do nome do autor da obra – “Azinheiro” -, um pequeno índice de matérias, todas elas relativas à época de D. João I, e especialmente a Nuno Álvares Pereira e à conquista de Ceuta. O manuscrito possui, além disso, algumas marcas e outras características que nos permitem identificá-lo com o Cod. CCCCLXVI (466) da livraria do mosteiro de Alcobaça.

As razões para essa identificação são as seguintes.

Primeira razão: o manuscrito contém uma folha de rosto, escrita no século XVIII, da qual consta o título e a autoria da obra: “Compendio / das / Chronicas dos Reys / de Portugal athe D. / João o 3º. / Por Christovão Roïs de Azinhrº / Estripto em Mayo de 1536.”. Esta folha de rosto é semelhante às bem conhecidas folhas de rosto acrescentadas a vários códices alcobacenses no século XVIII, como se pode ver nas seguintes imagens, a primeira das quais do ms. *B*, as restantes de manuscritos alcobacenses presentemente à guarda da BNP. Além de pequenas e pouco significativas divergências, notar-se-á que a principal diferença consiste na ausência

de carimbo de posse em *B*. Plausivelmente, os carimbos foram apostos aos códices alcobacenses após, pelo menos, 1823 (e talvez mesmo após a exclausuração de 1834), isto é, após o momento em que a ausência do ms. das CRP foi notada e explicada por Fr. Vicente Cogominho; ausências deste tipo devem, aliás, ter motivado a aposição de tais carimbos, de modo a prevenir futuros desvios e perdas.

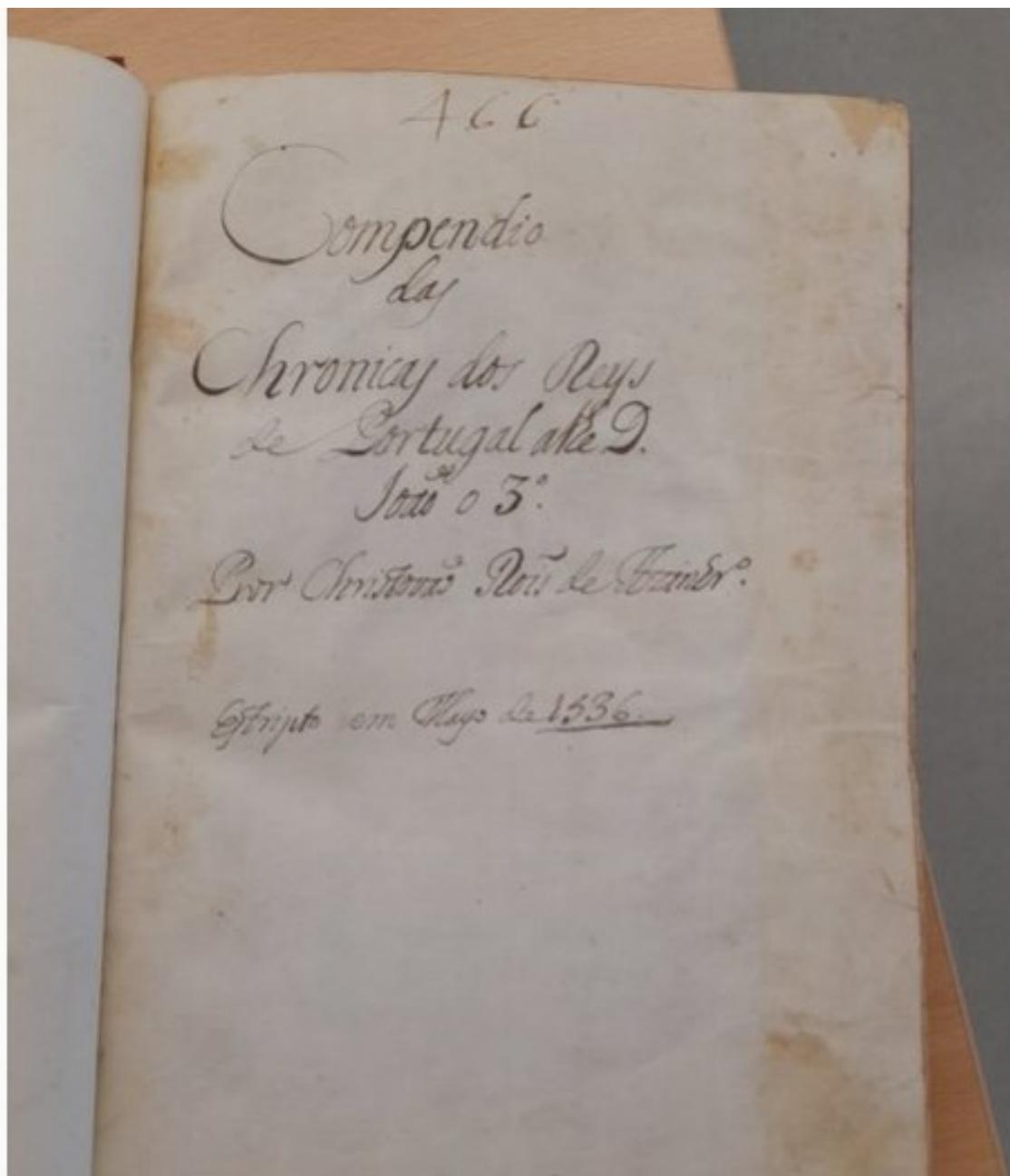


Fig. 1 - Ms. B [Braga, Arquivo Distrital, MSS. 674], folha de rosto. Fotografia do autor.

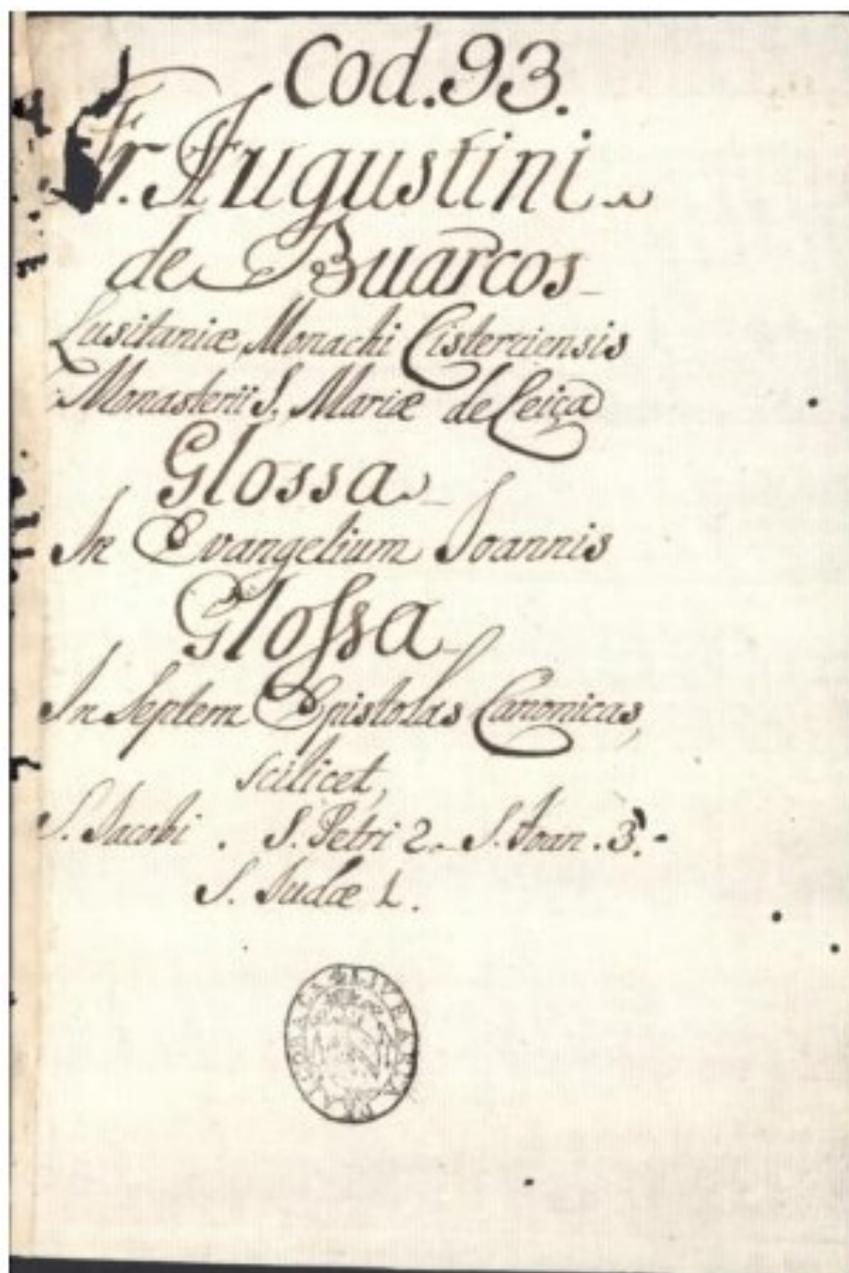


Fig. 2 – Ms. ALC. 2, *olim* 93, folha de rosto. Lisboa. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <https://purl.pt/24788>.

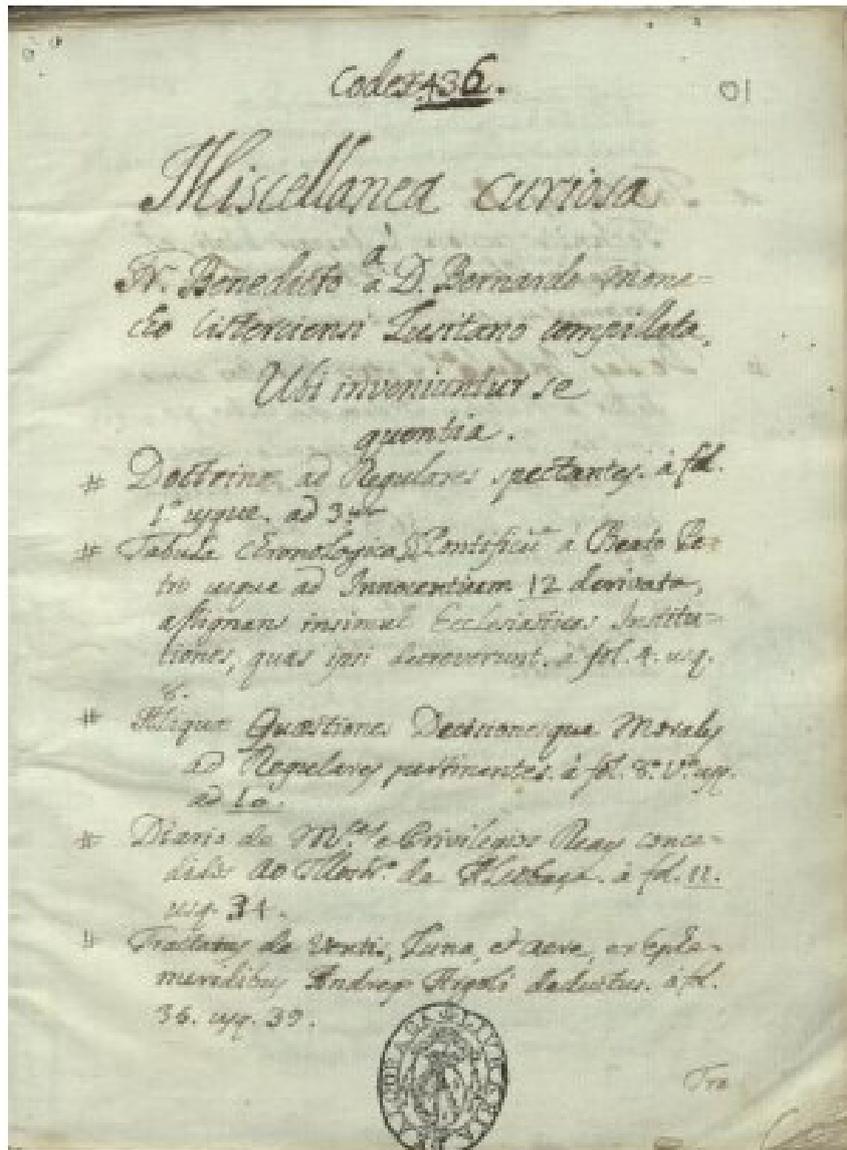


Fig. 3 – Ms. ALC. 110, *olim* 436, folha de rosto. Lisboa. Biblioteca Nacional de Portugal.

Disponível em: <https://purl.pt/26904>.

Segunda razão: a folha de rosto de *B* ostenta um número que constitui, decerto, uma antiga cota e é, precisamente, o 466:

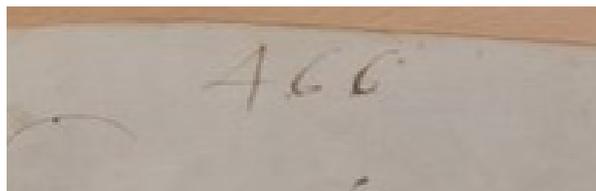


Fig. 4 – Ms. B [Braga, Arquivo Distrital, MSS. 674], pormenor da folha de rosto. Fotografia do autor.

Terceira razão: em dois locais do manuscrito *B*, concretamente na folha onde começa o texto (1r) e no verso da última folha (185), por cima do atrás referido índice, é visível uma assinatura: “Fr. Benedito de S. Bernardo”. Este nome é o de um dos bibliotecários do mosteiro de Alcobaça, ativo pelos finais do século XVII²⁷. Ambas as assinaturas tinham a acompanhá-las uma palavra, posteriormente rasurada, mas de que ficaram vestígios pelos quais se percebe que tal palavra era “bibliotecário”. A rasura foi certamente intencional (de contrário não teria afetado somente essa palavra nos dois casos), facto que denuncia a intenção de camuflar as origens do manuscrito. Foi também o responsável pela assinatura, ou seja, Fr. Benedito de S. Bernardo, quem escreveu o índice presente na folha final, a julgar pela semelhança na caligrafia. Mas não se ficam por aqui as suas intervenções no manuscrito. Além de assinar o seu nome no início e no final, e de inserir um índice no final, a mesma mão, que podemos, portanto, identificar com a de Fr. Benedito de S. Bernardo, escreveu ainda, na folha 1r, o título da obra: “Compendio das chronicas de Portugal por Christovão Roiz de Azinheiro”. A comparação com códices do fundo alcobacense da BNP é, também aqui, decisiva. Como se poderá ver nas imagens seguintes, todos os elementos do ms. *B* que acabo de mencionar estão também presentes em alguns códices do fundo alcobacense da BNP:

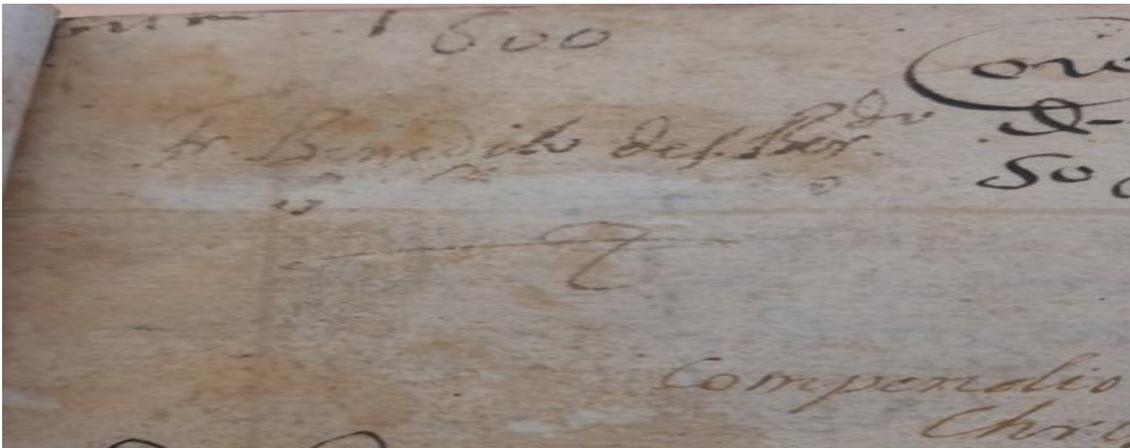


Fig. 5 – Ms. B [Braga, Arquivo Distrital, MSS. 674], assinatura de Fr. Benedito de S. Bernardo, Bibliotecario, na folha inicial do texto. Fotografia do autor.

²⁷ Cf. NASCIMENTO, Aires – “Em busca dos códices alcobacenses perdidos”, p. 284; RESENDE, Nuno – “Frei Bernardo de Brito e os escritores cistercienses do Douro”. In SEBASTIÁN, Luís (ed.) – *Cister no Douro*. Lamego: Museu de Lamego, 2015, pp. 80-93 [máxime 85].

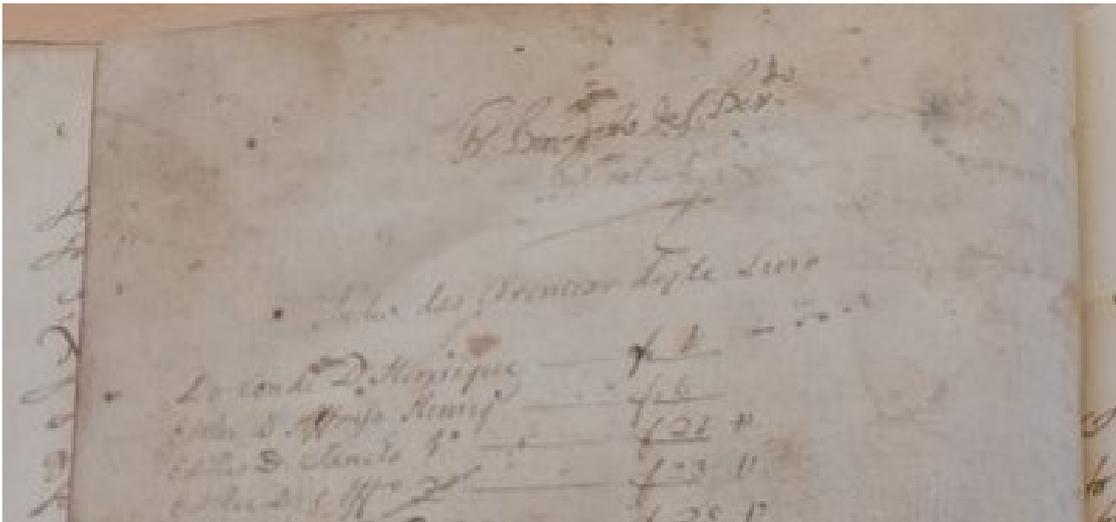


Fig. 6 – Ms. B [Braga, Arquivo Distrital, MSS. 674], assinatura de Fr. Benedito de S. Bernardo, Bibliotecario, no verso da última folha. Fotografia do autor.

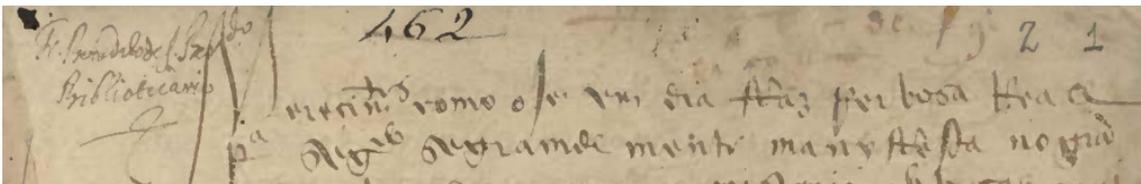


Fig. 7 – Ms. ALC. 294, *olim* 463 [“Crónica de D. Afonso Henriques”, de Duarte Galvão], assinatura de Fr. Benedito de S. Bernardo, Bibliotecario, na folha inicial do texto. Lisboa. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <https://purl.pt/24127>.

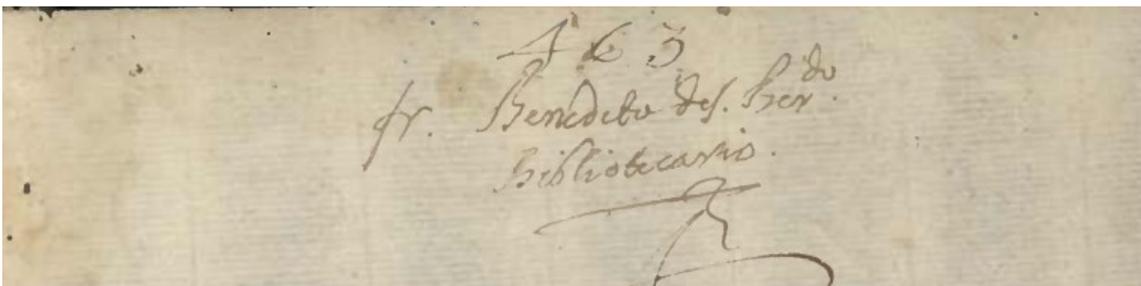


Fig. 8 – Ms. ALC. 295, *olim* 462 [“Crónicas de D. Afonso Henriques a D. Afonso III”, de Duarte Galvão e Rui de Pina], assinatura de Fr. Benedito de S. Bernardo, Bibliotecario, na folha de rosto. Lisboa. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <https://purl.pt/24127>.

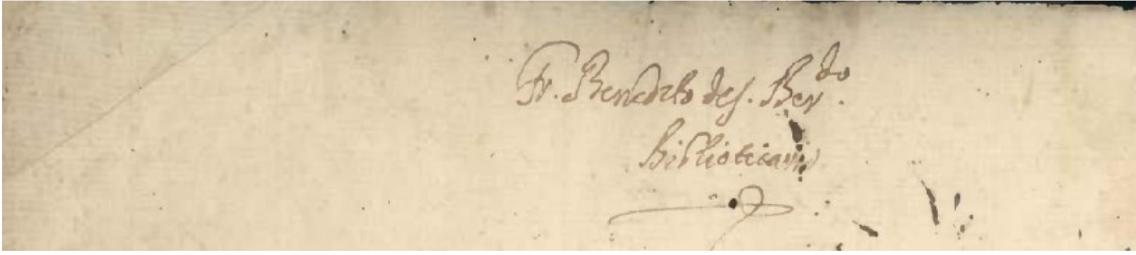


Fig. 9 – Ms. ALC. 295, *olim* 462 [“Crónicas de D. Afonso Henriques a D. Afonso III”, de Duarte Galvão e Rui de Pina], assinatura de Fr. Benedito de S. Bernardo, Bibliotecario, no verso da última folha. Lisboa. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <https://purl.pt/24124>.

Não pode, pois, haver dúvidas quanto à identificação deste manuscrito *B* com o Cod. 466 da biblioteca do mosteiro de Alcobaça, que se julgava desaparecido. Esta identificação permite-nos, por outro lado, confirmar a suspeita, baseada na afirmação de Fr. Vicente Cogominho atrás mencionada, de que o cod. 466 de Alcobaça foi o texto base da edição de 1824 da Academia das Ciências. Comprova-a o facto de as lições deste manuscrito corresponderem, sistematicamente, às do texto da edição, nos locais em que os anónimos editores anotaram a existência de variantes no códice das Necessidades (o ms. *A* segundo o sistema de siglas que aqui estabeleci). Bastará dar alguns exemplos, que, aliás, servem também como amostra do tipo de problemas que deve enfrentar uma futura edição que tenha em conta uma análise criteriosa da tradição manuscrita da obra:

Texto da edição de 1824	Ms. <i>B</i>	Variantes anotadas pela edição com base no ms. <i>A</i>
E tomou Tolledo aos Mouros, e tomou a molher Moura que chamão Laçaida (p. 5)	E tomou tolledo aos mouros e tomou a molher moura ã chamão llacaida (fol. 2v)	Conquerio a Tolledo de Mouros, e tomou molher moura, e lhe dizem Laçaida. (p. 5)

Morroo elle era de Christo de mil e cemto e doze anos (p. 17)	moReo elle era de x ^o de mil E c.to E doze anos (fol. 6v)	Era de Cezar de 1150 e de Christo 1112 (p.17)
na era de mil e duzêtos simcoenta anos (p. 62)	na era de mil E duzemos Lta anos (fol. 23v)	Na era de Cesar de mil duzentos e concoenta anos e de Christo mil duzentos e doze (p. 62)
Badalhouce (p. 64)	badalhouce (fol. 24)	Badalhouce que ora chamão Badajos (p. 64)
Frei Bital, Biralldo, Atonim, Acursoio, Pedro, Adeuto (p. 66)	frei bitall biralldo atonĩ acursio pedro adeuto (fol. 25)	Frei Vital, Bernaldo, Antonio, Acurcio, Pedro, Adjuto (p. 66)
E nos ditos castelos por fiéis Portugeses (p. 77)	E nos ditos castellos por ffies portugeses (fol. 28v)	E nos ditos castellos por fieis de Portugal (p. 77)
Era de mil trezêtos trimta e simco anos: feito em Allcanizes aos omze dias de setembro (p. 95)	era de mil jjjc xxxb anos feito em allcanizes aos trimta diguo omze dias de set.ro (fol. 35r)	Era de Cesar 1335 e de Christo 1297 e descaimbo por Arouce e Aracena deo Elrei D. Fernando IV Olivença e Ouguella e

		<p>Campo Maior, porque he de saber que Elrei D. Sancho de Castella e seus Avos tiverão por muitos annos Arronches e Aracena sendo de Portugal, e derão Olivença Campo Maior e Ouguella a elrei D. Deniz Era de 1335 e de Christo 1297. Feito em Alcanizes a 11 de Setembro (p. 95)</p>
--	--	--

5. Percurso do manuscrito. Conclusões

Mas como teria vindo parar a Braga este manuscrito alcobacense? Não me é ainda possível responder a esta pergunta, nem traçar o seu percurso, desde o momento em que, nos começos do século XIX, saiu de Alcobaça para a Academia das Ciências, até que, em data incerta e passando por mãos incertas, deu entrada no Arquivo Distrital de Braga. Posso, contudo, identificar um dos possuidores do manuscrito nesta fase intermédia, depois de ter saído de Alcobaça e antes de ter dado entrada no Arquivo Distrital de Braga²⁸. Refiro-me a D. Maria da Assunção Ferreira, filha da famosa D. Antónia Adelaide Ferreira, “a Ferreirinha” dos vinhos do Douro, a qual D. Maria se tornaria, por casamento, a terceira condessa da Azambuja, e cuja vida decorreu entre 1842 e 1905²⁹. Efetivamente, no catálogo da sua importante livraria, elaborado poucos anos após a sua morte para efeitos de venda em leilão que ocorreu em 1910³⁰, aparece, com o número 2959, o seguinte registo:

²⁸ Devo ao Professor Arthur Askins a chamada de atenção para o catálogo de que em seguida falarei e respetiva anotação.

²⁹ CLUNY, Isabel; FAUVRELLE, Natália – *Dona Antónia. Uma vida singular*. Catálogo de Exposição. Peso da Régua: Fundação Museu do Douro, 2012 [máxime pp. 31 e 35-38].

³⁰ TRINDADE, Luís Carlos Rebelo; SILVA, Alberto Carlos da – *Catálogo da rica e preciosa livraria que faz parte do espólio da falecida Exma. Sr^a Condessa de Azambuja*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1909.

Coroniqua de horigem donde desenderam hos Reis de Portugall he do que sosedeo hem seus tempos. (Por Christovam Roiz de Azinheiro Escripto em Mayo de 1536). *No fim*: Até qui chega a suma das coronicas dos Seren. Reys de Portugal até El-Rei D. João terceiro, Avô do Christ. Rei D. Sebastiam cujos feitos e cometimentos forão aroicos como os coronistas que delle escreveram dirão. Esta foi treladada do original sumario que fez em letra de mão pollo bacharel Christovam Rodrigues Azinheiro procurador morador na cidade devora e nella fez esta breviação em Mayo de 1536. Ms. copia. Sec. XVI. In fol. De 185 ff. E.³¹.

Ora, todas as características do manuscrito aqui descrito encontram total correspondência com o manuscrito de Braga das Crónicas de Acenheiro: o número de fólios (185), o formato, a existência de encadernação, a datação (séc. XVI), e também o título e o *explicit*. Veja-se, quanto a estes últimos aspetos, mais este conjunto de imagens do manuscrito *B*:

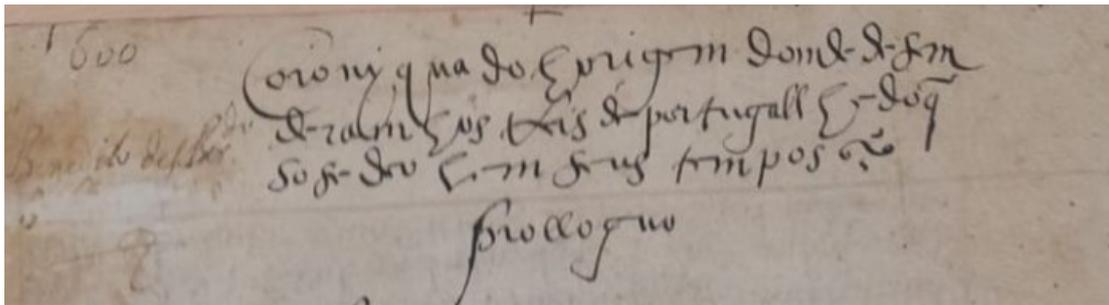


Fig. 10 – Ms. B [Braga, Arquivo Distrital, MSS. 674], título do texto (fol. 1r). Fotografia do autor.

³¹ TRINDADE, Luís Carlos Rebelo; SILVA, Alberto Carlos da – *Catálogo da rica e preciosa livraria que faz parte do espolio da fallecida Exma. Sr^a Condessa de Azambuja*, p. 340.

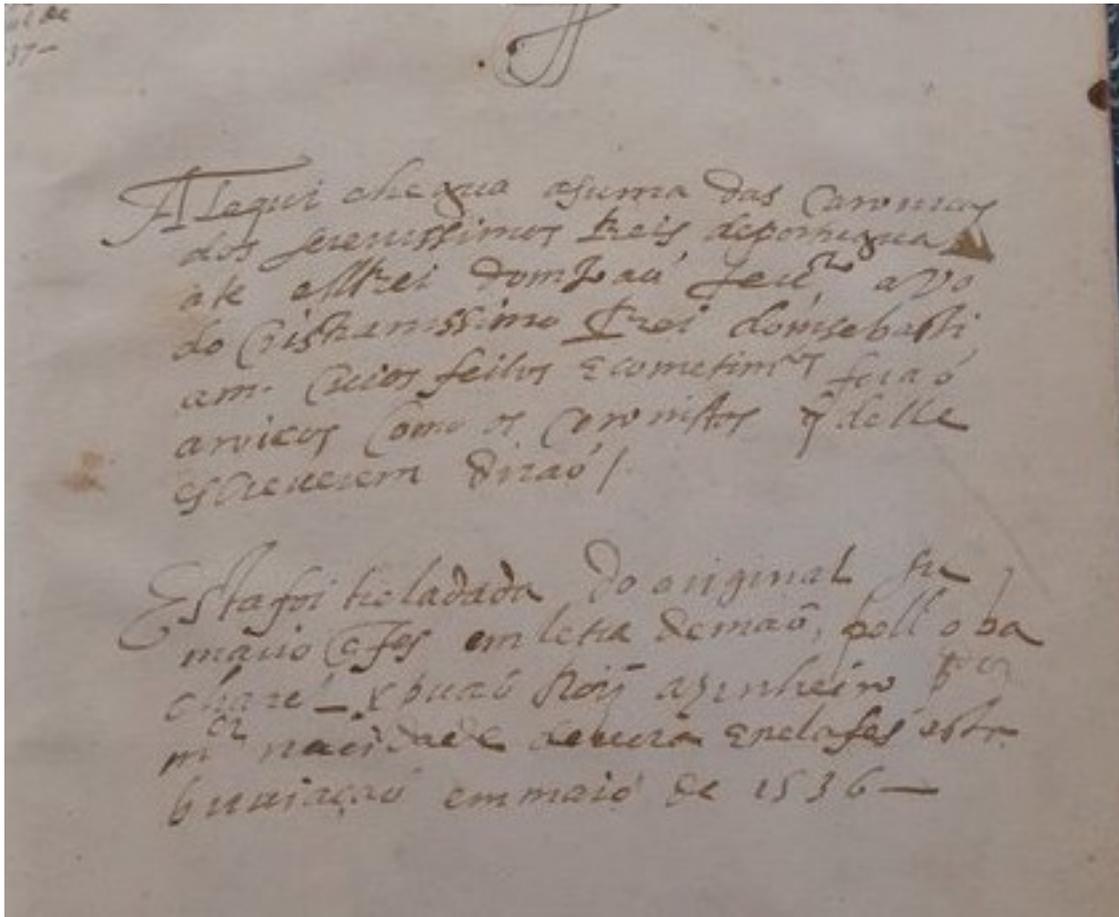


Fig. 11 – Ms. B [Braga, Arquivo Distrital, MSS. 674], *explicit* do texto (fol. 185). Fotografia do autor.

Podemos, pois, identificar o manuscrito que pertenceu à biblioteca da condessa da Azambuja com o ms. B das Crónicas de Acenheiro e com o cod. 466 de Alcobça e, com base em tudo o que disse, apontar-lhe o seguinte percurso. Este manuscrito saiu da biblioteca do mosteiro para a Academia das Ciências, no início do século XIX (antes de 1823), para que esta o editasse, como de facto o fez, escolhendo-o como base do texto estabelecido no volume V da Coleção de Inéditos da História Portuguesa. Não tendo sido devolvido, o manuscrito foi depois parar, não se sabe por que vias, à biblioteca da Condessa de Azambuja; falecida esta em 1905, o manuscrito deve ter sido vendido em leilão poucos anos depois (1910) e, através desse leilão, ou posteriormente, deu entrada no Arquivo Distrital de Braga, onde hoje se encontra.

Esta descoberta vem juntar-se ao movimento de identificação de manuscritos alcobacenses em várias bibliotecas, portuguesas e de outros países, que tem

ocorrido nos últimos anos, com destaque para os trabalhos de Catarina Barreira, que tão bem tem sabido prosseguir os passos pioneiros de Aires Nascimento³². Pouco a pouco, vamos conhecendo mais e melhor a constituição desta riquíssima biblioteca e vamos percebendo que, felizmente, a busca dos códices alcobacenses (julgados) perdidos dá frutos. Trata-se, por outro lado, de uma peça importante num futuro e desejável empreendimento editorial que se ocupe das *Crónicas abreviadas dos reis de Portugal* de Acenheiro.

Referências bibliográficas

Fontes

Fontes Manuscritas

Braga, Arquivo Distrital, MSS. 674.

Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Ms. 581.

Muge, Casa de Cadaval, ms. M-VIII-17.

Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, COD. 11001.

Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, A.T.L., num. 94.

Lisboa, Biblioteca da Ajuda, 49-XI-38.

Fontes Impressas

ACENHEIRO, Christovão Rodrigues – *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*. Collecção de Inéditos da História Portuguesa. Vol. V. Lisboa: Real Academia das Sciencias, 1824.

NYKL, A. R. – *Crónica del rey D. Affomsso Hamrriquez /Duarte Galvão. Partial critical Editions with introduction and notes*. Cambridge: Massachussets, 1942.

Estudos

BARATA, António Francisco – *Évora Antiga*. Évora: Minerva Commercial, 1909.

BARREIRA, Catarina Fernandes – “Abordagem histórico-artística a dois manuscritos litúrgicos do scriptorium do Mosteiro de Alcobaça do último quartel do século XII

³² Cf., nomeadamente, BARREIRA, Catarina Fernandes – “Abordagem histórico-artística a dois manuscritos litúrgicos do *scriptorium* do Mosteiro de Alcobaça do último quartel do século XII ou o início de ‘huma livraria copiosa’”. *Revista de História da Sociedade e da Cultura* 17 (2017), pp. 34-35.

ou o início de ‘huma livraria copiosa’. *Revista de História da Sociedade e da Cultura* 17 (2017), pp. 33-62.

BASTO, Artur de Magalhães – *Fernão Lopes. Suas «crônicas perdidas» e a crônica geral do reino – a propósito duma crônica quatrocentista inédita dos cinco primeiros reis de Portugal*. Porto: Livraria Progredior, 1943.

BAUTISTA, Francisco – “De nuevo sobre el *Libro de las generaciones y linajes de los reyes* (o *Liber regum*): recuperación de la versión toledana de hacia 1219”, *e-Spania* [Em linha], 37 (octubre 2020) [consultado a 12 agosto 2022]. DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.37546>

BITAGAP (Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses). Dir. Arthur L-F. Askins. The Bancroft Library. University of California, Berkeley, 1997-. [consultado a 12 agosto 2022]. Disponível em: http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/bitagap_en.html.

CATALÁN, Diego – *Un cronista anonimo del siglo XIV (La Gran Crónica de Alfonso XI)*. Canarias: Universidad de la Laguna, 1955.

CATALÁN, Diego – *De Alfonso X al Conde de Barcelos: cuatro estudios sobre el nacimiento de la historiografía romance en Castilla y Portugal*. Madrid: Seminario Menéndez Pidal & Gredos, 1962.

CLUNY, Isabel; FAUVRELLE, Natália – *Dona Antónia. Uma vida singular*. Catálogo de Exposição. Peso da Régua: Fundação Museu do Douro, 2012.

GARCIA, José Manuel – *A historiografia portuguesa dos descobrimentos e da expansão (séculos XV a XVII): autores, obras e especializações memoriais*. Dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006.

Index Codicum Bibliothecae Alcobatiae in quo non tantum codices recensentur quod tractatus, epistolas et singuli codices contineant exponitur alliaque animadvertunter notaru digna. Olissipone: Ex Typographia Regia, 1775.

MOREIRA, Filipe Alves – *Afonso Henriques e a primeira crônica portuguesa*. Porto: Estratégias Criativas, 2008.

MOREIRA, Filipe Alves – “Um novo fragmento da Crônica Portuguesa de Espanha de 1341-1342 e suas relações com a historiografia alfonsina”. In MIRANDA, José Carlos; FERREIRA, Maria do Rosário; LARANJINHA, Ana Sofia (eds.) – *Seminário Medieval 2009-2011*. Porto: Estratégias Criativas, 2011, pp. 289-322.

MOREIRA, Filipe Alves – “Os sumários de crônicas portuguesas: textos, contextos, paratextos”. *Cahiers d’Études Hispaniques Médiévales* 35 (2012), pp. 79-92.

MOREIRA, Filipe Alves – *A Crônica de Portugal de 1419: fontes, estratégias e posteridade*. Coleção “Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2013.

NASCIMENTO, Aires – “Em busca dos códices alcobacenses perdidos”. In *O scriptorium de Alcobaça: o longo percurso do livro manuscrito português*. Coleção “Estudos monásticos alcobacenses”. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural e Mosteiro de Alcobaça, 2018, pp. 283-312.

PEREIRA, Gabriel – *Documentos históricos da cidade de Évora*. Primeira parte. Évora: Typographia económica de José d’Oliveira, 1887.

RESENDE, Nuno – “Frei Bernardo de Brito e os escritores cistercienses do Douro”. In SEBÁSTIAN, Luís (ed.) – *Cister no Douro*. Lamego: Museu de Lamego, 2015, pp. 80-93.

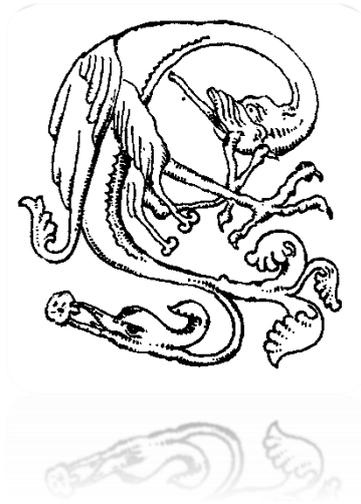
SENA, Jorge de – “Inês de Castro”. In *Estudos de História e de Cultura* – I. Lisboa: Revista “Ocidente”, 1967, pp. 123-618.

SENA, Jorge de – “Cristóvão Rodrigues Acenheiro (ou Azinheiro)”. In *Estudos de Literatura Portuguesa - III*. Lisboa: Edições 70, 1988, pp. 157-159.

TRINDADE, Luís Carlos Rebelo; SILVA, Alberto Carlos da – *Catálogo da rica e preciosa livraria que faz parte do espólio da falecida Exma. Sr^a Condessa de Azambuja*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1909.

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

MOREIRA, Filipe Alves – “Um manuscrito alcobacense reencontrado: as *Crônicas abreviadas dos reis de Portugal de Cristóvão Acenheiro (1537)*”. *Medievalista* 34 (Julho – Dezembro 2023), pp. 111-137. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).